DA FILOSOFIA DO MARTELO À INVERSÃO DE VALORES EM NIETZSCHE

IT WAS BY THE PHILOSOPHY OF THE HAMMER IN TO THE INVERSION OF VALUES IN NIETZSCHE

ANTÔNIO FABIO DA SILVA GOMES

Resumo: A partir da necessidade de trazer para um debate acerca da Filosofia do Martelo à Inversão de Valores em Nietzsche, tema este que necessitou de uma análise minuciosa sobre a ideia de desconstrução proposta pelo filósofo, toda via pautando no conceito de inversão de valores, imposta justamente pelo cristianismo, religião predominante no período. A partir da dominação imposta pela religião cristã, a moralidade entrou em declínio, tornando o homem dominado e preso as amarras do cristianismo; a essa moral Nietzsche chamará de moral de rebanho. A referida pesquisa teve como objetivo geral uma compreensão acerca da crítica que o filósofo Nietzsche faz à moral e à inversão de valores; Já nos específicos analisou o contexto que envolve a origem da moral e dos valores e Proporcionou um maior contato com as obras do filósofo pesquisado; como problema o trabalho trouxe as seguintes perguntas: Qual o tipo de homem é concebido a partir da concepção Nietzschiana? Por que Nietzsche considera que existe uma moral de escravos e por que ele a concebe como uma ameaça? Para a metodologia foi utilizada a pesquisa bibliográfica, pois, a mesma, envolveu a análise de diversos autores e estudiosos do tema em questão. Na pesquisa bibliográfica, é necessário seguir as etapas de observação, registro, análise, classificação, interpretação e correlacionamento dos fatos ou fenômenos investigados, de forma fiel e imparcial, sem interferência.

Palavras-chave: Moral de Rebanho, Martelo, Inversão de Valores.

Abstract: From the need to bring Nietzsche´s Inversion of Values to a debate about the Hammer Philosophy, this theme required a thorough analysis of the idea of deconstruction proposed by the philosopher, all based on the concept of inversion of values, imposed precisely by Christianity, the predominant religion in the period. From the domination imposed by the Christian religion, morality went into decline, making man dominated and bound by the bonds of Christianity; this morality Nietzsche will call herd morality. This research had as a general objective an understanding about the criticism that the philosopher Nietzsche makes about morality and the inversion of values; In the specifics, the context surrounding the origin of morals and values was analyzed and provide greater contact with the works of researched philosopher; as a problem, the undergraduate project raised the following questions: What kind of man is conceived from Nietzschean conception? Why does Nietzsche consider slave morality to exist and why does he conceive of it as a threat? Bibliographic research was used for the methodology, since it involved the analysis of several authors and scholars of the subject in question. In bibliographic research, it is necessary to follow the steps of observation, registration, analysis, classification, interpretation and correlation of the facts or phenomena investigated, in a faithful and impartial manner, without interference.
Keywords: Herd Moral, Hammer, Inversion of Values.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu a partir da necessidade de uma compreensão mais minuciosa acerca da crítica que o filósofo Nietzsche faz sobre a moral e a inversão de valores, principalmente no ocidente. Para tanto, a fim de que seja feita uma análise sobre o pensamento do estudioso em questão, teremos como base o estudo de algumas de suas obras como: *Além do bem e do mal*, *Genealogia da Moral*, O *Anticristo, e Aurora* e *Assim falava Zaratustra*, quando o filósofo Nietzsche observa os aspectos de sua crítica justamente à moral, como ponto de análise, bem como a busca de todo o significado de palavras e de toda a história que envolve conhecer a origem da moral e dos valores tomada pelo domínio religioso. Sendo assim, as referidas obras penetram no assunto da moral e da crítica à moral cristã como caminho para levar o ser humano a reconhecer o seu processo de autodesvalorização, com o intuito de que ele mesmo pudesse refazer-se e chegar a um novo estado de desenvolvimento pessoal.

Ademais, faz-se necessário ressaltar que o livro Aurora significa um grande despertar para uma nova moralidade, e como nele é afirmado, é a emancipação da razão diante da moral, uma vez que a moralidade não é senão a obediência aos costumes impostos pela religião.

Outra obra que será fundamental para esta pesquisa será o Anticristo, na qual Friedrich Nietzsche produz uma vasta crítica ao cristianismo, fazendo uma grande comparação com as sociedades de antes e depois da doutrina. Também tece seu pensamento sobre a forma como essa religião negava a vida terrena e apostava numa vida após a morte, ou seja, na promessa da plenitude no paraíso, tendo classificado o homem como um ser enfraquecido na era moderna. Consoante a isso, há outra filosofia essencial para compreender o pensamento Nietzschiano, é a ideia sobre o que esse traz acerca da desconstrução, propondo uma filosofia conhecida como a do “martelo”, denominada, assim, em sua obra Crepúsculo dos Ídolos, justamente porque o grande pensador põe em pauta a desconstrução dos valores impostos pela religião.

Com isso, examinaremos o modo como o filósofo se opõe à supressão das diferenças e à padronização de valores, as quais há um pretexto de universalidade que encobrem de fato à imposição totalitária de interesses particulares, visando à criação de valores e à instituição de metas para a história do homem.

Nietzsche considera que existe uma moral de escravos e por que ele a concebe como uma ameaça aos valores morais. Em virtude disso, abordaremos a questão da verdade, por meio da qual as criações de valores e teorias passam a ser tratadas como “descobertas”, dando a elas maior notoriedade e “valor”. Nesse sentido, é necessário investigar as consequências da oposição entre as morais do senhor e do escravo – a primeira como exemplo de uma postura altiva e afirmadora,

enquanto a segunda que se mostra como o reflexo de indivíduos fracos e que renegam o conflito e consequentemente o que o senhor valoriza: a vida.

O referido estudo se tornará explícito por meio de uma investigação que irá compreender de forma minuciosa a crítica que o filósofo Nietzsche faz a respeito da moral e da inversão de valores, principalmente no ocidente, com o advento do cristianismo. Já nos específicos, visa analisar todo o significado de palavras e toda a história que envolve a origem da moral e dos valores e conhecer a proposta Nietzschiana, denominada de filosofia do "martelo". O filósofo, por sua vez, tem grande contribuição em torno da ideia de valores enquanto um conjunto de princípios que norteiam a questão da moralidade do homem. Ele buscava na identificação de indivíduos destacados aqueles capazes de não somente entenderem a sua filosofia, mas também de realizarem a transição proposta com a transvaloração dos valores morais, uma pauta crucial que utilizou para criticar veemente o cristianismo e toda a disseminação do evangelho proposta por Paulo de Tarso.

Por fim, Nietzsche procura tratar a respeito da noção de vontade de poder como sendo uma categoria para um novo tipo de pessoa, que se identifica com a mesma e que adota a tarefa da criação de novos valores, desse modo, se concebe através de suas obras, bem como a importância desse processo para um novo indivíduo, para além da moral tradicional.

1-A CRÍTICA NIETZSCHIANA AOS VALORES IMPOSTOS PELO CRISTIANISMO

A grande pretensão deste estudo envolve um percurso que será traçar, juntamente com o filósofo Nietzsche, os aspectos mais proeminentes, os quais tangem o modo como a crítica do grande pensador vem esclarecer tanto o processo da criação dos valores e princípios impostos ao indivíduo, como a aceitação única de uma moral fundada a partir dos moldes religiosos, principalmente advindos do cristianismo, sendo esta religião predominante no ocidente, e proveniente de todo esse legado denominado de moral de rebanho.

> A vontade de verdade, ou a ambição metafísica de certeza, tem sua gênese já em Sócrates e Platão, mas é no cristianismo que ela desdobra a amplitude de seu sentido e de seu caráter problemático e ambíguo. A vontade de verdade, que nasce da moral cristã, volta-se contra a moral, contra a necessidade de mentira e falsificação do mundo que ela comporta. (ARALDI, 2008, p.75)

Desta forma, entende-se que o filósofo traz dentro do seu pensamento a ideia de romper com a moral imposta. Assim, ele promove uma visão do ser humano, que o leva a submergir em sua singularidade, ou seja, ao invés de desconstruir os princípios impregnados na ideia que o indivíduo

deve buscar viver sem se lançar na função de autônomo do seu próprio ser e sem interferência religiosa.

De tal maneira, a proposta de Nietzsche é, sem dúvida, o despertar para a racionalidade diante de uma moralidade imposta pela religiosidade. O poder libertador da razão tem em si a capacidade de desmistificar significados sociais instituídos pela tradição, assim afirma Nietzsche (2013, p.8): "Aurora se configura realmente como um novo dealbar, como novos albores na história da individualidade num contexto social, um novo ser se desenha". Diante disso, é possível compreender dentro da narrativa do filosofo que é fundamental uma ruptura entre esses valores impostos, que simplesmente conduz o homem por caminhos onde a racionalidade é colocada de lado. Na citação abaixo é possível entender essa nova projeção de homem, a qual ele mesmo pretende alcançar como um projeto de si:

> Um novo ideal de si diante do outro, um novo ideal de cada um diante da sociedade. Um novo tempo. Uma nova vida. É tudo o que o homem quer. Ser e ser ele próprio. Assumir o passado enquanto possa representar uma riqueza para o presente e uma projeção para um futuro livre, independente e dessacralizado das imposições, preconceitos e superstições do passado calcado na moralidade dos costumes. Isso significa também desmitificar a história, libertá-la de seu romantismo, de suas ilusões, de suas crenças e de sua submissão aos ideais impostos pela fé cega e pela religião. (NIETZSCHE, 2013, p.9).

É possível interpretar que o filósofo almeja desmistificar o homem que se torna reativo quando vive limitado apenas à conservação da sua existência, o que faz multiplicar o seu sofrimento e a necessidade de viver cada vez mais submetido às promessas de recompensas oferecidas pelo poder sacerdotal.

Dessa forma, o homem passa a desconhecer um aspecto primordial da existência que é a criação, ou seja, é somente por meio da efetivação da sua natureza que ele se torna capaz de criar novos valores, de afastar para longe de si a culpa e o ressentimento.

Isso significa ainda entrar em outro campo da ética e da estética, ter outra visão do mundo e de suas antigas "conquistas", como que imergir em nova perspectiva do possível real, do racional, vencendo o irracional, o irrazoável, tudo o que foi imposto pela tirania do pensamento ultrapassado, da ideologia preconceituosa da religião impostora, nova perspectiva que deveria levar a repensar a finitude humana fora de todo enfoque teológico e, por conseguinte, libertar toda moralidade daquilo que ela representa, isto é, o ônus dos costumes, de uma tradição milenar, de uma religião sufocante.

A própria doença dos olhos, que de vez em quando se aproxima perigosamente da cegueira, é só efeito, e não causa: de modo que quando aumenta a força vital também se intensifica de novo o poder visual.

> Lançar um olhar desde a óptica do enfermo aos conceitos e valores mais sãos e, de novo, inversamente desde a plenitude e da autocerteza da vida abundante ao trabalho secreto dos instintos de décadence –[...] está agora em meu poder, tenho mão para inverter perspectivas: primeira razão por que só a mim será talvez possível em geral uma transmutação dos valores. (NIETZSCHE, 2009, p.23)

De acordo com a citação acima, o poder de autorrestabelecimento impede o filósofo de pobreza e desânimo, um homem bem restabelecido torna-se mais seletivo, busca sempre sua própria companhia como forma de se fortalecer.

A compaixão cruza com a lei do desenvolvimento mantendo-se a favor dos deserdados e condenados à vida. Esse instinto depressivo e contagioso cruza aqueles instintos que visam à conservação e elevação de valor da vida. O cristianismo travou uma guerra contra o homem superior condenando os instintos mais puros da existência humana, de acordo com o filósofo percebe-se que:

> O cristianismo tomou o partido de tudo o que é fraco, baixo e fracassado; forjou seu ideal a partir da oposição a todos os instintos de preservação da vida saudável; corrompeu até mesmo as faculdades daquela natureza intelectualmente mais vigorosa, ensinando que os valores intelectuais elevados são apenas pecados, descaminho, tentações. (NIETZSCHE, 2019, p.4).

Desta forma, os valores pregados pelo cristianismo são valores decadentes, a compaixão tende a preservar tudo que está prestes do fim; ela luta pelos condenados da vida dando à própria existência um aspecto sombrio e duvidoso.

Para compreender os valores morais, é necessário conhecer as condições e os ambientes em que os indivíduos nasceram e se desenvolveram como também entender as causas de sua deformação. Portanto, diante desses espíritos benevolentes que conduzem esses historiadores da moral, falta-lhes o espírito histórico, haja vista que pensam segundo a velha tradição filosófica do passado, de uma maneira essencialmente anti-histórica.

> A futilidade de sua genealogia da moral salta aos olhos desde o primeiro passo, onde se trata de descobrir a origem de conceito e do sentido de “bom”. No início – afirmam eles- elogiamos e qualificamos as boas ações não egoístas naqueles em favor em favor de quem era praticada e, portanto, a quem eram úteis; mais tarde esquecemos essa origem do elogio e chamamos boas as ações não egoístas simplesmente porque, em conformidade com o costume, foram sempre elogiadas como boas em si. (NIETZSCHE, 2013, p.35)

Os nobres, aqueles considerados “bons”, cunharam para si mesmos o termo “bom” como sendo de primeira ordem em oposição a tudo que é baixo comum aos plebeus, sendo assim, compreende-se a existência da distância entre o sentimento geral e o sentimento fundamental, o soberano exerce uma espécie de dominação superior sobre uma inferior, na qual reside a gênese da oposição entre “bom” e “mau”. Ao exercer tal dominação, os nobres usam a linguagem para exteriorizar seu poder sobre as coisas e acontecimentos.

2- A FILOSOFIA DO MARTELO

O filósofo trava uma batalha com a religião, desse modo podemos compreender que a religião tem por fim ocultar a realidade e criar uma imagem ilusória de perfeição. Sobre essa questão fica claro na citação abaixo:

> O verdadeiro fim é ocultado por uma imagem ilusória: em direção a esta nós estendemos a mão, e é aquele que a natureza alcança através desse engodo. Nos gregos a verdade queria se contemplar transfigurada em obra de arte: para se magnificar, as suas criaturas precisavam se sentir como dignas de magnificação. (NIETZSCHE, 2019, p.60-61).

No entanto, de acordo com o fragmento acima, percebe-se que para o pensamento religioso grego não havia verdades moral universal, sendo assim, o renomado pensador faz duras críticas ao homem da modernidade, o qual está emaranhado no princípio de aprovação da conduta moral, desta forma a modernidade faz com que o homem aceite o sofrimento como parte integrante da vida.

Nietzsche critica os moralistas, pois pretendiam encontrar os fundamentos da moral fechados em sua cultura, e a esses faz duras críticas à ideia de verdade absoluta e de valores morais universais, tais julgamentos se fundamentam no sentido de que os moralistas “só conhecem grosseiramente os fatos da moralidade de seu meio, de sua condição, de sua igreja, do espírito de sua época, de seu clima e de sua região”. Nietzsche (2012, p.104), este pensamento, demonstra que os filósofos estavam enganados ao pensar em universalizar a moral baseada em seu modo de conhecimento.

2.1 A Vontade de Poder

Há uma conceituação daquilo que é “puro” e “impuro” e se opõe pela primeira vez como designativo de status social, sendo assim bom e ruim encontra distinção, que é fundamental para que haja uma problematização da geração de valores. Ao mesmo tempo em que domina, o homem nobre interpreta, avalia, isto é, cria e impõe valores que derivam de uma afirmação da vida, de uma afirmação dos sentidos do corpo. Dessa maneira, ele considera “bom” todo aquele que é capaz de

expandir a sua potência, metamorfoseando-se, e, ao contrário, considera "ruim" os que vivem entravados no impulso ao crescimento da potência.

Onde quer que encontrasse o que é vivo, encontrei a vontade de domínio, até na vontade do que obedece encontrei a vontade de ser senhor.[...] só onde há vida há vontade; não vontade de vida, mas como eu predico, vontade de domínio. (NIETZSCHE, 2016, p.122-123).

Portanto, a origem do conceito "bom" está relacionada à própria ação efetuada pelo homem nobre, afirmando a sua diferença, e a partir da vontade de potência que se afirma no mundo, dominando, regendo, governando; a moral dos escravos nasce de sua fraqueza, de seu ódio, de sua sede de vingança, esses ressentimentos criam valores, dos quais todo caminho leva a um fim vingativo imaginário. A moral dos senhores é fruto de quem conquista, escala rochas em busca do topo; a moral escrava existe para conservar, nasce para evitar que as poucas forças que ainda o constituem se percam.

A tarefa do filosofo, dessa maneira, é romper com os valores tidos como morais, no entanto, é necessário olhar por uma perspectiva diferente múltipla, pois conforme Nietzsche (2012, p. 135), "desta forma os verdadeiros filósofos têm por missão comandar e legislar, agarrar com sua mão criadora e transformar, haja vista que sua vontade é vontade de potência", entretanto a modernidade tornou os filósofos fracos, com isso a humanidade caiu na timidez, esta ideia fica melhor entendida na passagem a seguir.

> Hoje, o gosto da época, as virtudes da época enfraquecem e reduzem a vontade; nada responde melhor ao estado de espírito da época que a fraqueza de vontade: portanto, o ideal do filósofo deve precisamente fazer incluir no conceito "grandeza" a força de vontade, a rigidez e a aptidão às resoluções duráveis. De igual modo, a doutrina contrária e o ideal de uma humanidade tímida, cheia de abnegação, humilde e que duvida de si mesma. (NIETZSCHE, 2012, p.135).

Por esta passagem fica claro que a modernidade enfraqueceu e reduziu a vontade de potência esses princípios eram adequados a uma época contrária em que se buscava a felicidade, isto é, o prazer de fato.

2.2 A Transvaloração dos valores

A transvaloração dos valores propõe um rompimento com crenças metafísicas que impedem ao homem exercer sua natureza, sendo assim, segundo Nietzsche (2013, p.89), "O homem dotado de vontade própria, independente, persistente, possui em si a consciência orgulhosa por aquilo que acabou de conseguir, este exerce seu verdadeiro poder de transformação".

Diante de tal perspectiva, mudar valores significa provocar mudanças do ponto de vista que o homem tem em relação a sua existência, essa liberdade requer responsabilidade sobre o destino, sendo assumida deste ponto a responsabilidade de admitir a vida sem o consolo das explicações metafísicas.

> A rede de valore que foi se produzindo no decorrer da história do pensamento, esta malha conceitual que nos enreda a todos, está fundada na ficção de que existe alguma coisa irredutível, imutável, única, idêntica a si mesma, e esta coisa é o ser, a essência, a verdade. Nietzsche entende esta crença como produto da necessidade metafisica de duração, como anseio psicológico por fundamento. Essa vontade de duração vai se constituir como uma correlação negativa de forças na medida em que se insurge contra a mudança, própria do tempo e da vida. (MOSÉ, 2018, p.10).

As críticas do filosofo estão sustentadas pela moralidade pregada pelos modernos do Ocidente, onde os teólogos cristãos pregam uma rede de valores que substituem a vida pela ideia, para Mosé, (2018, p.10), "portanto esse é o projeto nietzschiano de transvaloração, ou seja, combater as avaliações produzidas pela cultura ocidental, através da crítica à moral pregada pelo cristianismo". No entanto o filosofo prega uma moral que diz sim à vida.

Para o homem livre, que é detentor de uma vasta vontade, este sim apresenta seu critério de medida de valor, e, na mesma medida que rompe com os valores pré-estabelecidos, cria novas referências de valores, procuram no fim afirmá-la como assinatura de autenticidade da própria existência.

3- O ZARATUSTRA E AS MUDANÇAS DE VALORES

Neste capítulo, será tratado sobre as mudanças de valores propostas por Nietzsche no livro *Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e ninguém,* no entanto é de grande relevância compreender a origem do nome que leva este livro, assim, para Schmidt (2017), "o filósofo busca inspiração em uma figura histórica fundadora de uma religião na Pérsia antiga, tornando-se o personagem central do livro". Portanto, os seus ensinamentos combatem a farsa da moral cristã, a moral da compaixão, criando um novo caminho para os valores morais. Desta forma, Zaratustra deve ser compreendido como destruidor de valores pré-estabelecidos, haja vista que em suas pregações está a superação do homem.

Desta forma podemos compreender por esta passagem de Nietzsche (2009, p.18): "Os homens bons nunca dizem a verdade. Falsas mensagens e falsas certezas são o que os homens bons ensinam. Tudo é, principalmente, mentira e distorção dos bons", essa é a maneira encontrada pela doutrina cristã para corromper a humanidade e alcançar seus objetivos de pregação de um futuro no além-

mundo, colocando os valores morais até então criados pelo homem como valores supremos, desta forma criando homens bons e dotados de moral de rebanho.

Sobre a moral do cristianismo o filósofo destaca:

> O que me separa, o que põe à parte de todo o restante da humanidade, é ter descoberto a moral cristã. [...] não ter aberto mais cedo os olhos é, a meu ver, a maior imundície que a humanidade tem na consciência, pois é o fato de abusar de si mesmo que se tornou instinto, a vontade orgulhosa de não ver a causalidade, a realidade, quaisquer que sejam uma fraude em questões psicológicas levada até o crime. A cegueira diante do cristianismo é o crime por excelência – o crime contra a vida. [...] o cristão foi até agora o próprio tipo do "ser moral", uma curiosidade sem igual – e enquanto ser moral, mais absurdo, mais mentiroso, mais vaidoso, mais frívolo, mais nocivo a si próprio do que quanto poderia ter imaginado o maior depreciador da humanidade. A moral cristã – a forma mais perniciosa da vontade de mentira, a verdadeira Circe da humanidade: foi que a corrompeu. (NIETZSCHE, 2009, p.121)

Se levarmos em consideração o pensamento nietzschiano, é possível perceber o quanto o filósofo trata a moral cristã como nociva ao indivíduo, pois o torna cego, surdo e mudo diante das perversidades impostas pela doutrina em questão, é justamente nesse combate à moral cristã que Nietzsche cria o conceito de super-homem.

É importante ressaltar que o super-homem de Nietzsche é, portanto, aquele capaz de superar os próprios limites da moral imposta pela sociedade, no entanto esse conceito fica melhor compreendido na passagem a seguir, Nietzsche (2009, p.18): "essa espécie de homem concebida por Zaratustra é aquela que concebe a realidade tal como ela é: é suficientemente forte para isso – não é uma espécie de homem distante dela, é a própria realidade." Mediante a isso, observa-se que a superação do homem comum está em afirmar a realidade como ela é.

CONCLUSÃO

Em virtude dos fatos apresentados ao longo desta pesquisa, percebe-se que as críticas feitas pelo filósofo Nietzsche estão voltadas para a inversão de valores e para a moral de rebanho, moral esta pregada principalmente pela religião predominante no ocidente, ou seja, o cristianismo; a qual nega a vida terrena em prol de uma vida no além-mundo, desta forma causando uma inversão dos valores. Assim, é possível perceber que é justamente sobre essa questão que o filósofo tece severas críticas.

Durante as análises feitas com as obras nietzschianas, foi possível observar a grande inquietação, na qual o pensador alemão busca pela superação do homem comum, em detrimento do homem superior, aquela que desafia a moralidade imposta e que não se deixa levar pelas amarras do cristianismo.

Ademais, com este estudo, ficou explícito que o filósofo Nietzsche se opõe, na verdade, à grande supressão das diferenças e também à padronização de valores, os quais há um pretexto de universalidade que encobrem de fato à imposição totalitária de interesses, que na verdade são particulares, e que visam à criação de valores que fazem com que o homem abdique da sua racionalidade.

As interpretações das obras deste filósofo que proporcionou debates indispensáveis para a formação da sociedade, e que mesmo sendo considerado polêmico, rompeu as barreiras do tempo e, hoje, ainda é um filósofo atual de grande importância para as discussões entorno da moralidade e da inversão de valores.

REFERÊNCIAS

ARALDI, Clademir Luís. **As criações do gênio e do além-do-homem: Nietzsche em transição. (120 anos de Para uma Genealogia da Moral – coleção Nietzsche em perspectiva** – Organizadores: Antônio Edmilson Paschoal, Wilson Antônio Frezzatti Jr). Ijuí: Ed. Unijuí, 2008.

MOSÉ, Viviane. **Nietzsche e a grande política da linguagem**. Petrópolis, RJ: editora, vozes Limitada 2018. Edição digital. Disponível em: https://play.google.com/books/reader?id=uyFzDwAAQBAJ&hl=pt&pg=GBS.PT, acesso em 28 de janeiro de 2021.

NIETZSCHE, Friedrich. **A visão dionisíaca do mundo:** 1ª Edição 2019. Publicação Le Books Disponível em: https://play.google.com/books/reader?id=IpyHDwAAQBAJ&hl=pt&pg=GBS.PT1. Acesso em 03 de dezembro de 2020.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**: prelúdio de uma filosofia do futuro/ Friedrich Nietzsche; tradução Antonio Carlos Braga. – São Paulo; Lafonte, 2012. – (coleção grandes clássicos da filosofia).

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém.** Trad. E notas Mário Ferreira dos Santos. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes,2016.

NIETZSCHE, Friedrich. **ECCE HOMO Tradutor:** Artur Morão, Editora escala, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**, com prólogo de Ciro Mioranza; tradução de Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2013.

SCHMIDT, Rüdiger. **Assim falava Zaratustra: uma chave de leitura:** Cord. Spreckelsen. Tradução Diego Kosbiau Trevisan. Editora Vozes. Limitada, 29 de agosto. de 2017 - 200 páginas. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=EmI1DwAAQBAJ&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s. Acesso em 20 de dezembro 2020.